

GALEANO, Eduardo (1994), *As Veias Abertas da América Latina*, 36ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

As veias abertas da América Latina

Francisco Manuel Moreira Teixeira

Escola Superior de Educação- Instituto Politécnico de Bragança

teixeira41@hotmail.com

Em 1971 é publicada a obra da autoria de Eduardo Galeano, *As Veias Abertas da América Latina*. Inicialmente em espanhol, a obra rapidamente se disseminou e obteve tradução em diversos idiomas. O livro conta a história da constante exploração por parte do Imperialismo, primeiramente Europeu e posteriormente Norte-Americano, da América Latina desde os primórdios da Humanidade até à actualidade.

Há dois lados na divisão internacional do trabalho: um em que alguns países especializaram-se em ganhar, e outro em que se especializaram em perder. Nossa comarca do mundo, que hoje chamamos de América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se abalçaram pelo mar e fincaram os dentes em sua garganta. Passaram os séculos, e a América Latina aperfeiçoou suas funções. (Galeano, 1994)

O início da obra reflete precocemente o assunto de todo o livro. Galeano demonstra neste primeiro parágrafo que desde cedo a América Latina se subjugou aos interesses do resto do mundo. Apetitosa pelos seus inúmeros recursos naturais, como realça (Galeano, 1994), *Continua existindo a serviço de necessidades alheias, como fonte e reserva de petróleo e ferro, cobre e carne, frutas e café, matérias-primas e alimentos, destinados aos países ricos que ganham, consumindo-os, muito mais do que a América Latina ganha produzindo-os* (p.5), apresenta-se agora como uma Sub-América subjugada aos interesses norte-americanos. Estabelecendo um paralelismo entre a presente obra de Galeano e a obra *Mensagem*, de Fernando Pessoa, pode observar-se o V Império Norte-Americano que se destaca sobre todas as outras nações do mundo: *Agora, a América é, para o mundo, nada mais do que os Estados Unidos: nós habitamos, no máximo, numa sub-América, numa América de segunda classe, de nebulosa identificação* (Galeano, 1994).

Ao encontrarem tal paraíso, ainda no século XV, espanhóis e portugueses rapidamente se aperceberam e aproveitaram das riquezas que o continente possuía. Os primeiros encontraram ouro e prata desde o planalto mexicano até à cordilheira dos Andes. Já o nosso povo, construiu um império colonial à base da cana-de-açúcar. Apesar de separados, portugueses e espanhóis, adotaram a mesma política, que passava por trabalho forçado, agressões físicas e opressão colonial.

Não obtendo sucesso na produção de açúcar, a nossa nação tornou-se em algo repudiável: Portugal era o maior traficante de escravos a nível mundial. Transportava-os de África, obrigando-os a abandonar as suas terras e famílias, com direcção ao Brasil para aí serem explorados na produção açucareira.

Em relação ao sucesso que a obra obteve durante a década de 70, é fácil de perceber o porquê. Nesta altura estavam impostas por toda a América do Sul ditaduras militares. Países como o Brasil, Chile, Argentina e Uruguai viviam ditaduras sangrentas que, supõe-se, contavam com apoio táctico Norte-Americano, com o objetivo de eliminar os ideais comunistas. Assim, o pensamento crítico era reprimido.

O caso cubano é também retratado nesta obra. Galeano defende-o com o seu principal argumento: o bloqueio Norte-Americano à ilha. A escassez de produtos advém deste mesmo bloqueio, o que causa insatisfação e carências no seio da população cubana.